

# Eneida: Um Memorial de Tortura e Cadeia

Josse Fares<sup>1</sup>

## I Nas Malhas da Palmatória

O Grupo Escolar Elisiário Távora, única escola pública existente àquela época na pequena Sena Madureira, interior do Acre, entrara em reforma. Assim, temporariamente, as atividades da escola foram transferidas para a sede da prefeitura, uma casa de madeira, pintada de um azul mais desbotado que o marinho de nossas saias pregueadas.

Minha sala era a primeira. À minha frente o quadro negro. À esquerda, três janelas que rasgavam a parede - do teto ao assoalho - de tábuas corridas. Por elas, via-se a rua de chão batido, margeada de capim e estreitas calçadas, onde dona Diva, sentada em cadeira de vime, embalava-se, movimentando o leque de varetas negras, arrematadas por rendas franzidas. Às costas, eu tinha o alpendre, envolto na claridade meio neblinada daquelas manhãs, já preludiando a friagem.

Cursava o segundo ano, quando me vi diante da sabatina. A matemática, cheia de tabuadas, me amedrontava. A professora chamava-se Clorilde e era minha tia, não no sentido empregado hoje nas escolas. Clorilde era tia por ser irmã de minha mãe.

A hora da arguição era chegada. Minhas mãos, antes mesmo da chegada da friagem, se enregelavam e tiritavam junto com o queixo, encimado pelos lábios que se arroxavam cianóticos. Naquela época, lá pelos idos dos anos cinquenta, as carteiras eram mesas estreitas, com uma cavidade para o repouso do lápis e um furo, onde em outros tempos, imagino, era colocado o vidro de tinta em que os alunos molhavam suas penas (a educação, em nosso país, parece caminhar a passos de tartaruga). Pois bem, embaixo das carteiras havia um vão para guardarmos livros e cadernos. Era justamente neste vão que eu enfiava as mãos tremelicando e tentava usar os dedos como auxiliares nas contas. A professora, séria, com a palmatória em punho, ia apontando, perguntando, e eu seguia errando, esquecendo os ensaios feitos em casa com Dona Cléa, minha mãe. Nessas horas, eu invocava São Luís de Gonzaga, um jovem cabeçudo, vestido de padre, que morava num dos altares da igreja de São Pelingrino e que, segundo as freiras do jardim da infância, era protetor dos estudantes. Mas o santo parece que era

surdo - será que deixei de pagar alguma das minhas promessas, meu Deus? ! - e o colega que respondia com acerto o meu erro, tinha direito de fazer uso da palmatória. Estendia minhas mãos e elas eram aquecidas pelos bolos aplicados por meus algozes. Não conhecia a palavra *sádico*, entretanto, aqueles meninos me pareciam tão maus... O suplício se instalava de vez: as mãos latejando, o rosto pálido de vergonha.

De tudo isso, ficou-me uma seqüela: da quarta série primária ao quarto ano ginásial, jamais deixei de ficar em segunda época nas disciplinas de cálculo. A voz de Dona Ilma, que me dava aulas particulares de matemática, ressoa ainda nos meus ouvidos quando, dirigindo-se a seu Júlio, dizia:

“- Papai, essa menina é menina é rude, rude!...”

É, “*Este sol a brilhar soberano/Sobre as matas que vi com amor...*”, nunca veio aquecer as mãos da menina que ficava de unhas roxas como a flor do maracujá.

## II O Corpo Supliciado

Ao longo da história da humanidade, a punição, exercida das mais variadas formas, tem sido empregada como método de correção e penitência por parte daqueles instituídos de poder familiar, educacional, governamental e religioso.

Observaremos aqui algumas das formas de suplício corporal, tomando como base o período a que convencionamos chamar de *Era Cristã* ou mais especificamente *Depois de Cristo*.

Começamos pelo suplício sofrido pelas crianças por ocasião do nascimento do Nazareno. A Judéia era então governada por Herodes, representante do poderio de Roma que, através dos reis magos, vindos do Oriente, certifica-se da chegada daquele a quem Baltazar, Belchior e Gaspar chamavam *o Rei dos Judeus*. Herodes vê, então, seu poder ameaçado e, no afã de preservá-lo, ordena o massacre de todos os meninos com idade inferior a dois anos. O suplício dos infantes foi narrado por Mateus, no capítulo II, versículos de

11 a 18 do Novo Testamento, assim:

*"Então Herodes (...) ficou muito irritado e mandou matar em Belém e em todo o seu território, todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo de que havia se certificado com os magos. Então cumpriu-se o que fora dito pelo profeta Jeremias:*

*'Ouviu-se uma voz em Ramá,  
choro e grande lamentação:  
Raquel chora seus filhos  
e não quer consolação,  
porque eles já não existem...'*"

Os trinta e três anos vividos por Cristo foram assim, prefaciados pela chacina, pelo choro e ranger de dentes daqueles dilacerados pela perda.

A presença daquele a que o mundo cristão considera como o filho de Deus, além de subverter alguns pontos da Lei Mosaica, ameaçava o poder instituído, daí a condenação, que se tornou um dos mais conhecidos casos de suplicio, assim narrado no capítulo 27 do mesmo livro:

*"... Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça e um caniço na mão direita. E ajoelhando-se diante dele, diziam-lhe caçoando: 'Salve, rei dos judeus!' E cuspido nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça. depois de caçoarem dele, despediram-lhe a capa escarlata e tornaram a vesti-lo com suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar.*

*Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: 'tu que destróis o templo e em três dias o edificas, salva-te a ti mesmo, e desce da cruz!' (...) desde a sexta até a nona hora, houve treva em toda a terra (...) Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou seu espírito."*

Pelo que se pôde perceber na narrativa do evangelista, a condenação era, e continuará sendo, durante séculos, um verdadeiro espetáculo assistido por uma multidão em que se misturam aqueles que o encaram como comédia, e se rejubilam, ao lado dos outros que o tem como tragédia e sofrem diante da atrocidade dos fatos.

Durante a Idade Média, com a instituição dos Tribunais da Inquisição, o corpo publicamente supliciado continua sendo a tônica dos processos punitivos. Através da História, temos conhecimento das condenações em que os punidos, no patíbulo, são enforcados e, por vezes, esquartejados, queimados em fogueiras, que se erguiam em praças públicas. O cinema, com base no testemunho dos historiadores, tem reconstituído estes atos de punição, enfatizando o tom de teatralização dado a eles.

É o caso de Giordano Bruno e Joana D'Arc, por exemplo.

Com o advento do Iluminismo e suas implicações de ordem política, econômica, social, filosófica, a Europa e os Estados Unidos redefinem a punição dos condenados, tendo em vista a economia do castigo. Com esse novo direcionamento, teria desaparecido o corpo supliciado? Sabemos que não. Não teria a guilhotina substituído a fogueira? E a cadeira elétrica? E a câmara de gás? Nesses casos, vê-se ainda a morte como acontecimento visível, mas instantâneo, não prolongado. Entretanto, mesmo que alguns optem por essas práticas de mitigação da dor, elas ainda subsistem. Não seria a condenação de Tiradentes, já no limiar do século XIX, a teatralização pública, lenta e dolorosa do ato de supliciar?

Cecilia Meireles, no "Romance LXII ou do Bêbado Descrente", um dos poemas que compõe o **Romanceiro da Inconfidência**, coloca na boca do bêbado a narrativa de alguns aspectos do cerimonial que antecedem o enforcamento de Tiradentes. Assim se expressa o narrador:

*"Vi o penitente  
de corda no pescoço.  
A morte era o menos:  
mais era o alvoroço.  
Se morrer é triste,  
por que tanta gente  
vinha para a rua  
com cara contente?"*

*(Ai, Deus, homens, reis e rainhas  
Eu vi a força - e voltei.  
Os paus vermelhos que tinha!)*

*Batiam os sinos,  
rufavam tambores,  
havia uniformes,  
cavalos com flores...  
- Se era um criminoso,  
por que tantos brados,  
veludos e sedas  
por todos os lados?  
(Quando me respondereis?)*

*Parecia um santo,  
de mãos amarradas,  
no meio das cruces,  
bandeiras e espadas.  
- Se aquela sentença  
já se conhecia,  
por que retardaram  
a sua agonia?*

*(Não soube. Ninguém sabia)*

A economia do castigo não se fez sentir na América Latina dilacerada pelas ditaduras. O Estado Novo de Getúlio Vargas volta a empregar instrumentos de punição altamente suplicidores. Se desviarmos nosso foco de observação para a Europa, nos depararemos, talvez, com a maior carnificina cometida em todos os tempos: a matança de judeus e ciganos, entre outros, sob a égide de Hitler. Nessa esteira, chegamos ao Brasil do golpe militar de 64: cerceamento de ideologia contrárias ao poder, perseguições, torturas, desaparecimentos e mortes.

No final do século XVIII e princípio do século XIX é criada a instituição-prisão, *"peça essencial no conjunto de punições, marca certamente um momento importante da justiça penal: Seu acesso à 'humanidade'"* (Foucault: 207, 95).

A prisão priva o indivíduo do direito à liberdade. Com isso, pelo menos teoricamente, espera-se que ele consiga penitenciar-se e redimir-se de suas culpas. Essa nova modalidade de punição marca a passagem do suplício corpóreo e público, com toda sua ritualística, para uma outra modalidade punitiva que caracterizaria a *"pena das sociedades civilizadas"*.

Assim, no sistema penitenciário, a disciplina ou aproveitamento do tempo, e a privação da liberdade, ao mesmo tempo que penalizam, corrigem. Pelo menos, dizem ser esta a intenção. Sabe-se, no entanto, que o encarceramento, a mais das vezes, tem funcionado muito mais como deformador que formador ou regenerador, isso sem falar da discriminação enfrentada por aqueles que, já tendo cumprido sua pena, têm de encarar o processo de reintegração na sociedade. *"Lição de cadeia fica/ e cadeia deixa mancha"*, nos afirma Thiago de Mello, poeta amazonense que sofreu a reclusão carcerária por ocasião do golpe militar de 64. Essa nódoa que acompanha o ex-presidiário, torna-se um verdadeiro entrave na sua convivência com o grupo social, por isso, ele continuará *"manchando"* sua existência e a dos outros com ações que testemunham a inadaptação desse ser às normas estabelecidas por uma sociedade classista, onde os direitos não são concedidos de forma equalitária.

### III

#### Eneida: um memorial de prisão e tortura

É preciso que se diga que Eneida, bem nascida filha de um comandante que navegava as águas do Rio-Mar no início deste século, ao se transferir para o Rio de Janeiro e depois de muitas "provas", ingressou no

Partido Comunista. Na crônica número 15, de **Banho de Cheiro**, ela diz: *"a primeira vez que li o Manifesto Comunista de Marx e Engels, fui tomada por um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim (...). Agora minha vida encontrou sua razão de ser."*

Foi justamente essa "razão de ser" a responsável pelas contínuas prisões e torturas sofridas pela cronista. Estávamos na década de 30, iniciada pelo movimento autoproclamado de *revolucionário*, que leva Getúlio Vargas - e não o eleito Júlio Prestes - à presidência do Brasil. Para alguns historiadores, Vargas é uma figura de multifaces e, numa delas, estampa-se a inclinação fascista que se cristaliza com a instalação do Estado Novo, em 1937.

Nos livros de crônicas **Aruanda e Banho de Cheiro**, Eneida retratará a performance fascista de Getúlio, incluindo as penalidades sofridas por aqueles que se posicionaram por outro credo, o de inspiração marxista.

Ressalta-se que o memorial de prisão e repressão escrito por Eneida aparece nas duas obras, ora de forma incidental - uma espécie de digressão - nas narrativas que tratam da infância, adolescência e relações familiares, ora de forma incisivamente proposital, o que confere a esse bloco de textos um caráter de depoimento.

A palavra **Aruanda**, com que a escritora nomeia um de seus livros, espelha o ideais sonhados por ela. Aruanda seria o mundo brotado da utopia pela qual muitos lutaram. Não nos referimos aqui ao sonho como algo que se perde na bruma. Aqui, o sonho é o anteprojeito do vir-a-ser e o vir-a-ser é Aruanda: *"o país que trazemos dentro de nós: país de Liberdade e Paz, país sem desigualdades, sem injustiças ou crueldades, país do amor sonhado por todos os homens."* Por esse país, Eneida deixou de lado a inércia e foi à luta. Como diz o poeta João Cabral de Mello Neto, *"é melhor lutar com as mãos/ do que jogá-las pra trás."*

Nota-se que a escritora tinha consciência de que nem todos os habitantes de Aruanda olhariam na mesma direção, mas assim mesmo estariam lá, esse mundo não era excludente:

*"Cipó caboclo, onde é que você mora?*

*Eu moro em Aruanda, na raiz do Aruá*

*Onde tem cobra coral e onde canta o sabiá.'*

*Que importa nela vivam também cobras, se ali cantam os sabiás?"* O cansaço das lutas torna-se real, mas *"quando pensamos que tudo acabou, gastou, feneceu, a vida se encarrega de nos ensinar que recomeçar é um dever de todos os homens e que recomeçando estamos (...). indo para Aruanda e somos*

*heróis, os mais valentes dos heróis, porque silenciosos e obscuros."*

"Promessa em Azul e Branco" é o texto que abre o livro *Aruanda*. Nele, Eneida - entre as reminiscências de uma promessa feita pela avó que, para livrar o pai da escritora de um mal, faria a filha usar azul e branco até os 15 anos - remonta a correspondência que mantinha com a mãe. Essas cartas eram guardadas como se fossem verdadeiras reliquias de um discurso de amor, até que lhe foram arrancadas por policiais, à cata de documentos subversivos. *"Então na fúria que marca os homens da polícia sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, que reli muitas vezes sentindo sempre, como da primeira vez o fizera, um nó na garganta, um bater apressado no coração..."*

Essa invasão de privacidade foi uma das primeiras repressões sofridas por Eneida.

Em *Banho de Cheiro*, na crônica de número seis, há referências - em meio às lembranças do internato e a morte da mãe - à primeira prisão e, novamente, as cartas vêm à tona: *"Nossas cartas eram longas e assíduas. Nunca me faltaram as dela; nunca lhe faltaram as minhas. Quando fui presa pela primeira vez em São Paulo - 1932 - a polícia tomou-me tudo o que então possuía (ah, a minha coleção de quadros de Fujita, onde andar ela?) e também as cartas que mamãe escrevia para o Internato (...) companheiras das quais parecia impossível a separação"*.

Na Paulicéia, em 1932, aconteceu a "estrela" de Eneida na cadeia. Os outros encarceramentos se deram no Rio de Janeiro, no período de 1935 a 1938.

Os acontecimentos de 1932 são contados por Dona Brites, uma das narradoras ouvidas por Ecléa Bosi na reconstituição que faz das lembranças de velhos em sua obra *Memória e Sociedade*. Segundo Dona Brites, o movimento armado conhecido como Revolução Constitucionalista foi o início do fascismo.

O contato de Eneida com as penitenciárias ocorreu antes de 1932, ainda em Belém, por ocasião da Revolução de 30, quando um de seus irmãos, ao conspirar contra o governo de Washington Luís e aderir à Aliança Libertadora, foi preso. Nessa época, uma sensação aflitiva se faz presente no coração da escritora. Essa experiência é registrada na crônica "A Revolução de 30", contida em *Aruanda*.

Ainda em *Aruanda*, obra composta de 18 narrativas, dão testemunho das torturas, repressões e prisões ocorridas na Era Vargas, mais três crônicas: "Delírio número dois", "Capítulo dos Relógios" e "Companheiras", esta uma das mais pungentes páginas da sua escritura.

"Delírio número dois" trata da reclusão de 1935,

época em que ocorre o fracasso da Intentona Comunista e é criada, pelas forças de esquerda, antifascistas, a Aliança Nacional Libertadora condenando o imperialismo e o latifúndio, defendendo reformas sociais profundas, propondo a deposição de Vargas. Como era de se esperar, a reação que se seguiu foi violenta. A Lei de Segurança Nacional, recém-promulgada, foi aplicada amplamente. Os participantes da aliança foram presos ou deportados.

Em seu "Delírio número dois", Eneida registra a situação vivenciada por aqueles que, junto com ela, sofreram na prisão, as represálias da ditadura: *"Eu passara dois meses na sala de detidos da Polícia Central (...) Estava tão cheia do cheiro do sangue; meus olhos e ouvidos tão impregnados de dor (...) Precisaréi dizer a data deste fato? quem já esqueceu os trágicos, sombrios, inquietantes e longos dias de 1935: prisões cheias, espancamentos, torturas, arrancar unhas, surra de chicote, ditadura policial, terror?"*

Em meio a esta atmosfera sufocante do cárcere, eis que instituem o banho de sol para os presos políticos. Abriam-se, embora não totalmente, as cortinas do horizonte. Através delas, Eneida vislumbra um nesga de liberdade: *"No dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o banho de sol para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo escadas, os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros, o ruído de pedaços de madeira batendo no chão, pareciam as mais belas canções jamais escritas sobre a Liberdade."*

Já em o "Capítulo dos Relógios", nos defrontamos com o tempo, o tempo e sua lentidão no momento em que se vive experiências dolorosas, tempo em que se pensa: nem pra tudo isso ser um sonho! *"O tempo não pára"*, diz-nos Cazuzu, mas para a mulher que Eneida, àquela noite, amparava em sua cela, os ponteiros estavam em profundo sono, enquanto ela vivia a insônia incapaz de aliviá-la da angústia da espera: *"Saltaram-na ao amanhecer. Ninguém a chamou para saber seu nome. Era assim o Brasil daquela época."*

Em "Companheiras", a escritora relata, de modo pormenorizado, as prisões ocorridas em 1935, 36, 37 e 38. Os acontecimentos de 1935 - criação da ANL, fracasso da Intentona Comunista, perseguição aos antifascistas - representam a ante-sala do Estado Novo, instituído em 37, quando Vargas, apoiado pela cúpula das Forças Armadas e pelos integralistas, suspendeu a Constituição, aboliu os partidos políticos e conduziu o golpe. Consolida-se um processo que se esboçava desde o início do governo getulista: o autoritarismo, a concentração do poder nas mãos do Estado.

"Companheiras" torna-se, sobretudo, um

depoimento sobre as conseqüências do golpe de 37. A leitura desta crônica nos vem carregada de um forte apelo sensorial. Ao descrever o Pavilhão dos Primários, em que ficavam os presos políticos, Eneida conduz o leitor a sensações táteis: *"Durante todo o ano a sala era tão úmida, tão fria (...); no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas."* Mais adiante, *impregna nossas narinas com cheiro forte que os aparelhos sanitários exalavam (...)* Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos nunca conseguimos fugir do cheiro..." O sabor está impresso nas páginas, quando os olhos famintos evocam quitutes de outrora. Nos mesmos olhos famintos também se sente a ânsia de liberdade a se espriar pelo mar, pelas montanhas, pelas praias que ficaram além dos muros daquele pavilhão, onde o ruído que se ouvia era o dos tamancos ferindo o lajedo.

Nesta narrativa, transitam 25 mulheres de diversificadas situações econômico-sociais: datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, intelectuais e operárias. Podemos observar que, num processo de *mis-en-abyme*, surgem diversas narrativas dentro de um relato maior. Há as evocações de Rosa, contando da família, do nascimento dos filhos e suas primeiras "gracinhas", do marido foragido. Nininha, alourada e de voz cantante, relata do marido preso no Rio Grande do Norte. Além de Rosa e Nininha, Eneida refere-se à Antônia, Valentina, Beatriz, Maria. Entretanto, os *"spot-lights"* da crônica incidem sobre Elisa Saborovsky, a Sabo Berger, mulher de Henry Berger. Esta companheira, segundo conta, chegou ao Pavilhão dos Primários numa tarde de calor, com o ar espantado, *"o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos..."* Elisa parecia viver um processo letárgico, ignorava as presas, não respondia perguntas. Até que ao ouvir de uma mulher a frase: *"Eu sou comunista"*, Sabo acordou de sua dormência, abraçava a todas e relatava as barbaridades sofridas por ela e seu companheiro. Minutos depois deste "reconhecimento", volta o guarda e a leva: *"mas quando as grades se fecharam atrás dela, cinqüenta olhos choraram."*

Três meses depois Sabo voltou. *"Todas as noites, à meia-noite, levantava-se e andava, andava de um lado para o outro, sem uma palavra. De meia-noite às duas da manhã ela devia apanhar: ficou-lhe uma psicose."* Como se vê, a economia do castigo advinda do Iluminismo é relativa, o suplício corporal, embora aplicado na surdina daquelas paredes, era (e é) uma realidade. Ao ser presa pela Polícia Especial, essa mulher foi torturada monstruosamente: *"colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios."* As marcas ficaram para sempre,

não só nos seios de Elisa Saborovsky, mas também na memória daquelas companheiras que a viram partir, numa noite de inverno, junto com Olga Benário para a Alemanha. Getúlio entregou-as à Gestapo, polícia política de Hilter. Sabo morreu de tuberculose num campo de concentração. Olga foi imolada numa câmara de gás.

A primeira edição de *Aruanda* data de 1957. *Banho de Cheiro* foi editado pela primeira vez em 1962. A reedição dessas duas obras deveu-se ao projeto *Lendo o Pará*, idealizado pela Secretaria de Cultura/Fundação Cultural do Pará. Na referida reedição, impressa pela editora Cejup em 1989, as duas obras foram reunidas num único volume em que as crônicas aparecem fotografadas do original da edição *princips*, por isso mantendo o regime ortográfico anterior à reforma da década de setenta.

*Banho de Cheiro* contém vinte crônicas. A autora não lhes deu título, apenas numerou-as de 1 a 20. Afora os textos 6 e 15, tratam ainda da memória do cárcere e das torturas, as crônicas 16 e 18. Antes de passarmos a estas, voltaremos à crônica de número 15, em que Eneida, além de narrar suas experiências enquanto aprendiz dos postulados marxistas, recupera a figura de um presidiário, Manuel Batista, conhecido entre os detentos como o Papão. Este homem esteve no mesmo presídio, no mesmo porão em que esteve Graciliano Ramos. Quando do lançamento de *Memórias do Cárcere*, Papão esperava que o romancista alagoano o apresentasse como um dos personagens. No entanto, isso não ocorreu e o Papão explica: *"- coitado do Graciliano, não me entendeu. Eu não sabia falar bonito, nem cantar cantigas, nem nada. Eu só sabia, minha companheira, imitar o galo, coisa que aprendi menino. Quando eu fazia aquilo, sabe? era para alegrar vocês, para dizer a vocês que eu estava ali, dando aquilo que eu podia dar. Coitado, não compreendeu."*

Ao tentar recuperar a figura de Manuel Batista, anos depois, quando já haviam se libertado do cárcere, Eneida revela a-necessidade de continuação da luta, mantendo a esperança de que, um dia, a Grande Alvorada se faça realidade. Uma "reencarnação" do *Libertas Quae Sera Tamen* dos Inconfidentes? *"Como seria bom se ele [Papão] saudasse a Grande Alvorada com seu cantar de galo."*

Na crônica de número 18 deste *Banho de Cheiro*, a cronista insiste em suas lembranças do cárcere. Embora não considere a clausura carcerária uma glória - ela é muito mais um desastre na vida do militante - Eneida acha por bem revelar esta passagem de sua vida, *"porque afinal elas fazem parte de nossas memórias."* É por isso mesmo, ela vai deixando fluir

das reminiscências os fatos ocorridos no período em que ficou reclusa no Pavilhão dos Primários. Nestas reminiscências, novamente são afloradas as torturas, as práticas do suplício corpóreo: *“gritos lancinantes cortando as noites na Delegacia de Ordem Política e Social (...) Sabíamos bem o que representavam aqueles interrogatórios feitos sob borracha, arrancar de unhas, trucidamentos e, depois, os companheiros voltando ensangüentados, esmagados, muitos deles, como Marighela, sem nunca terem aberto a boca para dizer como se chamavam...”*

Ao lado dessas narrativas de tortura, que a cronista rotula de sadismo policial, despontam as atividades exercidas pelos presos e a solidariedade que se instalava entre eles. O trabalho executado pelos prisioneiros, além de preencher o vazio das intermináveis horas no presídio, constituía uma verdadeira terapia, uma analgésia para o corpo e para o espírito torturados: *“Trabalhávamos todos; os homens no fundo do Pavilhão, as mulheres na sala da frente. Alfabetizávamos os analfabetos, criamos vários cursos. Era necessário que tivéssemos todas as horas ocupadas.”*

Atitudes solidárias desenvolviam-se entre os presos ou, às vezes, eram praticadas por pessoas que, mesmo não vivendo a experiência da reclusão, prontificavam-se a ajudar os que - de certa forma - tinham as mãos atadas. E é assim que vemos agigantar-se diante de nossos olhos figuras como Olga Benário, lutando para minimizar as dores dos detentos: *“... tive a meu lado, lutando como leões pela minha vida, meus companheiros, principalmente Olga Prestes...”*

Também erguem a bandeira da humanidade o Dr. Campos da Paz, zelando pela saúde dos prisioneiros; o Major Nunes - diretor da Casa de Correção - que concedia ao Dantas, presidiário acometido de tuberculose, licença para fazer exames como externo. Já na fase da hemoptise, Dantas foi liberado para morrer em casa: *“adeus, companheiros, vou morrer lá fora. Cuidem de vocês, não esmoreçam.”*

Na décima sexta crônica de **Banho de Cheiro**, a cronista reflete sobre as regalias que tivera na vida, enquanto bem nascida filha de um comandante: *“Jamais conhecera o frio e a fome e saber sofrê-los foi para mim um aprendizado muito doloroso.”* Neste relato, vêm à tona a panfletagem dos militantes anti-fascistas e a confecção dos impressos mimeografados, condenando a chamada Revolução Constitucionalista. Era 1932, data - como já se disse - da primeira prisão de Eneida, que andava “engordada” de panfletos que lhes eram amarrados da cintura às axilas.

Quando o governo Vargas conseguiu esmagar a Revolução Paulista, Wálter Pompeu, muito afoito,

reuniu os presos e anunciou-lhes a liberdade. Na verdade, a ordem era soltar apenas os getulistas, os legalistas, e não os comunistas. Tarde demais, os opositores de Vargas já estavam nas ruas, embora ferozmente caçados pela polícia. O Partido tratou de acomodar e esconder seus adeptos. Foi nestas circunstâncias que Eneida chegou à casa de uma mulher, a quem, nesta crônica, ela nomeia de Dona. Na casinha simples, de chão de terra batida, a militante, que se apresentava com o nome de Rosa Mendes, recebe roupa, alimento, agasalho, calor humano, enfim.

Quando o Partido resolveu tirar a cronista deste aconchego, Dona, à hora do almoço, dirigiu a ela, de supetão, uma pergunta: *“Rosinha, você já ouviu falar em Eneida?”* Não, não ouvi falar, respondeu a mocinha. Dona pega os jornais que estampavam retratos tirados em Belém, no Largo de Nazaré, quando a cronista vivia o tempo das “vacas gordas”. O periódico - que apresentava o largo belemense como os *Champs Elysées* e Eneida como perigosa espia soviética - considerava a prisão dessa mulher, jovem ainda, tão importante para o destino do Brasil quanto fora a de Meneghetti, o ladrão, citado na narrativa do sr. Antônio, em *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi. Segundo o narrador, Gino Amleto Meneghetti dava a impressão de ser um homem pacato, um apreciador da música que ouvia sentado à porta de sua casa. Quando roubava a moradia dos ricos, distribuía o produto dos roubos entre os pobres. O testemunho do sr. Antônio nos faz ver, neste ladrão internacional, a legendária figura de Robim Hood, o impávido cavaleiro medieval, salteador virtuoso, defensor dos pobres e oprimidos.

Apesar da evidência dos fatos, Eneida não confessou sua identidade à Dona. Entretanto, no dia da partida, a hospedeira diz: *“- Pois é, Eneida, desde que você entrou aqui, eu sabia quem era você. Antes de subir no trem, a cronista recebeu da amiga o lanche para comer durante a viagem e uma carta. É para o Centro Esotérico X. Se você precisar de alguma coisa, procure os irmãos de lá. Olhe, se você quiser voltar, me avise. Volte.”*

#### IV

#### Numa réstia de luz, a esperança

As imagens de Getúlio Vargas refletidas nestas páginas são filtradas pela visão de uma mulher antifascista, contrária, portanto, à tônica do sistema político implantada por este mandatário.

Eneida representa a memória de uma parcela de brasileiros, intelectuais, que não suportava os meandros e o jugo de um governo ditatorial. Os

depoimentos que deixou nas páginas de **Aruanda e Banho de Cheiro** contêm não apenas a indignação, mas das linhas e entrelinhas de seu tecer brotam o indicar de caminhos, e por que não dizer, o conselho. “O narrador é um homem que sabe dar conselhos” e “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: *sabedoria*” (Benjamin: 200, 1995).

As narrativas da cronista paraense aqui citadas não têm as tonalidades do neutro. Eneida emite juízos de valor enquanto testemunha de fatos históricos ocorridos na década de trinta. O julgamento que a narradora faz desses fatos deixa clara a sua posição e reafirma o lado pelo qual se posicionou.

No memorial de alguns narradores de *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi, temos a oportunidade de visualizar um outro viés da multifacetada figura de Vargas. Dona Risoleta, a narradora filha de escravos, diz: “antes de Getúlio tinha muita injustiça: a pessoa trabalhava sem aposentadoria, não tinha direito a nada (...) ele criou a caderneta de trabalho.” O sr. Ariosto também se refere a Getúlio fazendo alusão às leis trabalhistas: “Não tínhamos direito a férias, aposentadoria, licença médica, direito algum. Só depois que veio o Getúlio, que Deus o abençoe!”

Segundo Hannah Arendt “a *raison d'être da política é a liberdade e essa liberdade é vivida basicamente na ação*.” Diante desta afirmativa, nos questionamos: Como os militantes comunistas poderiam exercer o direito à liberdade se estavam de mãos atadas pelo regime repressor da Era Getulista? Embora Arendt afirme que “a *liberdade como fato demonstrável e a política coincidem e são relacionadas uma à outra como dois lados da mesma matéria*”, ela admite que a liberdade pode “*habitar ainda nos corações dos homens como desejo, vontade, esperança qu anelo*.” E esse desejo, essa esperança, esse anelo fervilham no querer de Eneida. Mesmo emparedada no Pavilhão dos Primários, o pensamento era livre e nele era arquitetada a ação e só a ação poderia tornar a quimera em realidade. Eneida sonhou e atrelou o sonho à ação.

Foi-lhe impossível vislumbrar a “Grande Alvorada”, entretanto, bafejada por Mnemosyse, a cronista, como um pássaro de sonhos, fecundou a experiência que relata em **Aruanda e Banho de Cheiro**, legando ao Brasil uma *memória-semente* que “*procura salvar o passado para servir o presente e o futuro*.” (Le Goff, 47, 1981)<sup>10</sup>.

As crônicas de Eneida, além de se apresentarem com as vestes de um testemunho histórico, trazem, àqueles que a lêem, o ânimo, os tons e entretons de uma esperança que podem conduzir à certeza de que nem tudo está perdido.

## BIBLIOGRAFIA

- 1) A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1992.
- 2) ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- 3) BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- 4) BERCITO, Sônia de Deus. *Nos Tempos de Getúlio*. São Paulo: Atual, 1991.
- 5) BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 4 ed., 1995.
- 6) FARIA, Antônio Augusto et alii. *Getúlio Vargas e sua Época*. Col. História Popular, vol. 8. São Paulo: Global, 1983.
- 7) FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- 8) KOSHIBA, Luis et alii. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1993.
- 9) LE GOFF, J. *Histoire et Memoire*. Paris: Gallimard, 1981.
- 10) MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1985.

- 
1. Josse Fares é uma das autoras de *Texto e Pretexto* e professora da Unama. Especialista em Literatura Brasileira pela PUC-MG, cursa mestrado em Letras na UFFa.
  2. Trecho do hino acreano.
  3. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1992.
  4. MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1985.
  5. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Vozes, 12 ed., Petrópolis, 1995.
  6. BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vol. I. brasiliense, 7 ed., São Paulo, 1994.
  7. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Cia. das Letras, 4 ed., São Paulo, 1995.
  8. ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Perspectiva, 3 ed., São Paulo, 1992.
  9. *Ibidem*
  10. LE GOFF, J. *Histoire et Memoire*. Paris, Gallimard, 1981.